

# 1. O proletariado segundo São Marx

priar coletivamente e de gerir a totalidade das forças produtivas cujo desenvolvimento a fez surgir.

Ora, a realidade é bem outra:

1º) O desenvolvimento das forças produtivas do capitalismo é funcional apenas com relação à lógica e às necessidades do capitalismo. Esse desenvolvimento não somente não cria a base material do socialismo como lhe cria obstáculos. As forças produtivas desenvolvidas pelo capitalismo trazem a sua marca impressa a tal ponto que não podem ser geradas ou colocadas em operação segundo uma racionalidade socialista. Se há de haver socialismo elas precisam ser re-fundidas, convertidas. Raciocinar em função das forças produtivas existentes é colocar-se na impossibilidade de elaborar ou mesmo de distinguir uma racionalidade socialista.

2º) O desenvolvimento das forças produtivas do capitalismo deu-se de maneira tal que elas não se prestam a uma apropriação direta por parte do trabalhador coletivo que as coloca em operação nem a uma apropriação coletiva por parte do proletariado<sup>1</sup>.

Na verdade, o desenvolvimento do capitalismo produziu uma classe operária que, em sua maior parte, não é capaz de se tornar dona dos meios de produção e cujos interesses diretamente conscientes não estão de acordo com uma racionalidade socialista.

É esse o ponto em que estamos. O capitalismo deu nascimento a uma classe operária (mais amplamente: um salariado) cujos interesses, capacidades e qualificações estão na dependência de forças produtivas elas mesmas funcionais apenas com relação à racionalidade capitalista.

A superação do capitalismo, sua negação em nome de uma racionalidade diferente só pode surgir a partir de camadas que representam ou prefiguram a dissolução de todas as classes, inclusive da própria classe operária.

<sup>1</sup> Entendo por proletariado os trabalhadores que, em razão de sua posição na produção e na sociedade, só podem pôr fim à sua exploração e à sua impotência pondo fim *coletivamente*, como classe, ao poder e à dominação da classe burguesa.

Entendo por classe burguesa o "funcionário" coletivo do capital, ou seja, o conjunto daqueles que gerem, representam e servem o capital e suas exigências.

A teoria marxista do proletariado não se funda em um estudo empírico dos antagonismos de classe nem em uma experiência militante da radicalidade proletária. Nenhuma observação empírica e nenhuma experiência militante podem conduzir à descoberta da missão histórica do proletariado, missão que é, segundo Marx, constitutiva de seu ser de classe. Marx insistiu muitas vezes: não é a observação empírica dos proletários que permite que se conheça sua missão de classe. Ao contrário, é o conhecimento de sua missão de classe que permite discernir o ser dos proletários em sua verdade. Pouco importa, por conseguinte, o grau de consciência que os proletários têm de seu ser; e pouco importa o que *acreditam* fazer ou querer: importa apenas o que *são*. Mesmo que, no momento presente, suas condutas sejam mistificadas e os fins que acreditam perseguir sejam contrários à sua missão histórica, cedo ou tarde o ser triunfará sobre as aparências, e a Razão sobrepujará as mistificações. Dito de outro modo, o ser do proletariado é transcendente aos proletários; constitui uma garantia transcendental da adoção, pelos proletários, da linha justa de classe<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Parafraaseo a *Sagrada Família*, capítulo IV, IV (Proudhon), onde Marx escreveu: "Não se trata de saber o que este ou aquele proletário, ou mesmo o proletariado como um todo, propõe-se momentaneamente como

Desde logo coloca-se uma questão: quem é capaz de conhecer e de dizer o que é o proletariado quando os próprios proletários têm desse ser uma consciência apenas nublada ou mistificada? Historicamente, a resposta a essa questão é: só Marx foi capaz de conhecer e de dizer o que o proletariado e sua missão histórica verdadeiramente são. A verdade dessa classe e dessa missão está inscrita na obra de Marx. Ele é o alfa e o ômega; é o fundador.

Essa resposta não é evidentemente satisfatória. Com efeito: por que e como o ser transcendente do proletariado foi acessível à consciência de Marx? Essa pergunta exige uma resposta filosófica. Pode-se ficar surpreso diante do fato de que Marx não a tenha fornecido. Compreender-se-á rapidamente porque ele não podia ter feito.

A teoria marxista do proletariado é uma surpreendente condenação sincrética das três correntes dominantes do pensamento ocidental da época da burguesia heróica: o cristianismo, o hegelianismo e o cientificismo. E o hegelianismo encerra a pedra fundamental da construção. Para Hegel, com efeito, a História é a progressão dialética por meio da qual o Espírito, inicialmente estranho a si mesmo, toma consciência e posse do mundo — que, na verdade, era o próprio Espírito existindo fora e separado de si — até retomá-lo completamente em si e unificar-se com ele. Os avatares dessa progressão são etapas que, em razão de sua contradição interna, são necessariamente levadas a “passar para” a etapa seguinte, até a realização da síntese final que é ao mesmo tempo o sentido de toda a História anterior e o término da História.

Desse modo, o sentido de cada momento só é legível à luz da síntese final. *Legível por quem?* Não, evidentemente, pelos indivíduos particulares que realizam um momento particular sobre o qual ainda não sabem que deverão ultrapassá-lo por efeito de sua contradição interna insustentável. Mas legível apenas pelo filósofo G.W.F. Hegel,

Trata-se de saber o que o proletariado é e o que deve historicamente realizar de acordo com seu ser. Seu objetivo e sua ação históricos estão traçados para ele de maneira tangível e irrevogável em sua própria situação de existência, como em toda a organização da sociedade burguesa atual.”

que teve a intuição genial da História como desenvolvimento de um Sentido presente diante si próprio no término dos tempos e que leva suas manifestações históricas alienadas, mistificadas, falhas e mutiladas a se ultrapassarem até que coincidam com Ele. A filosofia de Hegel é, no sentido profundo, a teologia cristã que finalmente se iguala a si mesma como teofania: a História é escatologia, é o reino de Deus que, do final dos tempos, leva ao seu próprio advento pela mediação de homens históricos que ainda não compreendem o sentido da obra transcendente que realizam. Mas a consciência destes importa pouco uma vez que a obra está garantida por uma dialética que os transcende<sup>2</sup>.

Reconhece-se aí a matriz da dialética marxista. Da dialética hegeliana, Marx conserva o essencial, a saber: a idéia de um sentido da História independente da consciência que dele têm os indivíduos e que se realiza, tenham eles ou não tal consciência, através de suas atividades. Mas esse sentido, em lugar de “andar sobre a cabeça”, como em Hegel, andará, em Marx, sobre os pés do proletariado: o trabalho do Espírito elevando o mundo à consciência de si até a unificação final não era mais que o delírio idealista de um teólogo partidário do racionalismo. Não é o Espírito que trabalha, mas os trabalhadores. A História não é a progressão dialética do Espírito que toma posse do mundo, é a tomada de posse progressiva da Natureza pelo trabalho humano. O mundo não é inicialmente Espírito estranho a si mesmo, é, de início, a exterioridade de uma Natureza hostil à vida dos homens e sobre a qual as atividades destas não têm alcance. Mas, progressivamente, os homens irão conformar a Natureza segundo suas necessidades até o momento em que, dominando-a toda, irão se reconhecer nela como em sua obra.

O obstáculo a esse reconhecimento é duplo: por um lado, o poder ainda insuficiente dos instrumentos utilizados; e, por outro, a separação entre os indivíduos e os instrumentos, e também entre os

<sup>2</sup> Nos *Princípios da filosofia do direito*, notadamente, essa frase característica: “Quando se trata da liberdade, é preciso não partir do indivíduo, da consciência individual de si, mas unicamente da essência da consciência de si, pois, quer o homem o saiba ou não, essa essência realiza-se por sua própria força e os indivíduos são apenas os momentos de sua realização”.

indivíduos e os resultados de conjunto de seu trabalho coletivo. Essa separação (a alienação, que dela resulta) só poderá ter fim com o advento de uma classe que realiza a produção integral da Natureza por meio de uma totalidade de instrumentos que lhe é totalmente alienada e de que, por isso mesmo, deverá se reapropriar coletivamente. Ela o "deverá" e "poderá", segundo Marx, pela razão de que essa totalidade de instrumentos não pode ser apropriada e colocada em ação por nenhum indivíduo particular, mas apenas por todos agindo em conjunto visando a um resultado comum. O homem "reencontrará" (seria preciso dizer: criará) sua unidade com a Natureza no momento em que a Natureza se tornar uma obra do homem e, consequentemente, quando o homem se tornar seu próprio genitor. O comunismo, advento do proletariado enquanto classe universal, é o sentido da História.

Percebe-se o paralelismo. O que toma o lugar do Espírito é a atividade de produzir o mundo. De início invisível para si mesma, toma progressivamente consciência à medida que as forças produtivas se desenvolvem, até a auto-afirmação prometeica do trabalhador coletivo como autor, na cooperação de todos com todos, do mundo e de si mesmo. O motor da História não é a presença do Espírito diante de si mesmo no final dos tempos, mas a impossibilidade que existe para um ser que é produção do mundo, de aceitar que essa produção lhe seja roubada e que seus produtos, voltados contra ele, sirvam para sujeitá-lo a "finalidades exteriores". Essa impossibilidade é ao mesmo tempo de essência e histórica: só se torna manifesta e operante a partir do momento em que a natureza das técnicas e das relações sociais de produção faz com que o mundo, despojado de seu "véu místico", apareça como produto do trabalho social e que os indivíduos, despojados de suas "atividades limitadas" graças à socialização do trabalho, apareçam como os produtores do mundo.

O capitalismo, segundo Marx, satisfaz a essas duas condições: suas forças produtivas, desenvolvendo-se, fazem surgir, no lugar do mundo natural e de seus mistérios, o universo tecnicizado da fábrica automática, de seu meio-ambiente e de suas riquezas fabricadas. Esse universo industrial faz surgir, por sua vez, uma classe cujos membros não trabalham em seu interesse individual particular e nem com meios individuais particulares: ao contrário, são despojados de qualquer in-

dividualidade particular e, substituíveis que são, colocam em operação uma totalidade de capacidades e de meios técnicos imediatamente sociais para produzir efeitos desde logo globais.

Assim é o proletariado: com ele, o trabalho como autoprodução do homem e do mundo tem, pela primeira vez, a oportunidade histórica de igualar-se a si mesmo e de promover o advento do reino de um universal humano. O fato notável é que essa teoria é parte não de uma observação empírica, mas de uma reflexão crítica sobre a essência do trabalho, conduzida em reação contra o hegelianismo. Para o jovem Marx, não era a existência de um proletariado revolucionário que justificava sua teoria; era, ao contrário, sua teoria que permitia predizer o surgimento de um proletariado revolucionário e estabelecia sua necessidade. O primado pertencia à filosofia. A filosofia antecipava-se com relação ao curso das coisas, estabelecia que a História tinha como sentido fazer surgir, com o proletariado, uma classe universal que era a única capaz de emancipar toda a sociedade. Era preciso que essa classe surgisse, e, de fato, começava-se a poder observar os sinais de seu advento. Tais sinais eram perceptíveis apenas para o filósofo. Mas o filósofo, enquanto consciência separada do proletariado em sua significação histórica, estava fadado a desaparecer na medida em que o proletariado tomasse consciência de seu próprio ser e que o assumisse em sua prática. A filosofia, então, encarnar-se-ia no proletariado. O filósofo como consciência filosófica separada devia buscar sua auto-supressão e, conseqüentemente, a supressão da filosofia como atividade separada.

G. H. H. H. H.

A dialética materialista, para a qual a atividade produtiva deve se reconstituir como fonte do mundo e do próprio homem de modo a abolir finalmente, na unidade da autoprodução integral, "todos os poderes exteriores", deverá, portanto, fazer-se acompanhar por uma dialética político-filosófica por meio da qual o proletariado deverá interiorizar a consciência de si que, de início, só existe fora dele, na pessoa de Karl Marx e, mais tarde, da vanguarda marxista-leninista.

Estamos nesse ponto. Essa leitura de Marx que proponho<sup>3</sup> foi a que, conscientemente ou não, fizeram as gerações de militantes revolucionários de antes e de depois de maio de 1968. E, evidentemente,

3 Cf. *Escritos filosóficos de 1841 a 1852*.

uma leitura histórica, feita com os meios e com as referências intelectuais de agora e que não pretende restituir com fidelidade o encaminhamento histórico do pensamento do próprio Marx. Isso não impede de ser verdadeira: ela transpõe e reproduz o encaminhamento marxista para o nosso presente sistema de referências culturais. Para os jovens militantes revolucionários de antes e de depois de maio de 1968, como para Marx, não se milita no movimento revolucionário e não se vai para a fábrica porque o proletariado age, pensa e sente de maneira revolucionária, mas porque ele é revolucionário por destino, o que quer dizer: ele deve sê-lo, ele deve "tornar-se o que é".

A partir dessa posição filosófica apresenta-se a possibilidade de todos os desvios: vanguardismo, substitucionismo, elitismo, e seus correlatos negativos, espontaneísmo, reboquismo, economicismo. A impossibilidade de toda e qualquer verificação empírica da teoria nunca cessou de pesar sobre o marxismo como um pecado original.

Inversão da dialética hegeliana, a filosofia do proletariado não pode, com efeito, esperar que sua legitimação venha dos proletários empíricos nem do curso dos acontecimentos: ao contrário, cabe-lhe legitimá-los e expressar seu verdadeiro significado. A matriz hegeliana faz, do filósofo, o profeta e, da filosofia, a Revelação do Sentido do Ser. Os discípulos de Hegel só podiam ser sacerdotes do hegelianismo: foram esquecidos porque tola mente acreditavam ser os funcionários da Razão do Estado. Os discípulos de Marx não foram esquecidos porque o proletariado sempre conserva o mistério de sua transcendência: ainda não se igualou a si mesmo e à sua tarefa histórica; ainda não interiorizou a consciência de si mesmo que a vanguarda marxista (leninista) lhe devolve. Essa vanguarda permanece, portanto, necessariamente separada em virtude da própria missão histórica de que, a seus próprios olhos, está investida. E por permanecer separada, ninguém — muito menos o proletariado — está apto a dizer a última palavra nos debates que dividem os marxistas. Na ausência da possibilidade de qualquer verificação empírica, suas teses político-teóricas divergentes não podem retirar sua legitimidade senão da fidelidade ao Livro.

O espírito de ortodoxia, o dogmatismo, a religiosidade não são, por conseguinte, fenômenos acidentais do marxismo: são necessaria-

mente inerentes a uma filosofia de estrutura hegeliana (mesmo que essa estrutura tenha sido "endireitada") cujo profetismo não tem outro fundamento que não a revelação que iluminou o espírito do profeta. É inútil buscar o fundamento da teoria marxista do proletariado<sup>4</sup>. O único fundamento que seus diferentes defensores podem oferecer são a obra de Marx e a palavra de Lênin: ou seja, a autoridade dos fundadores. A filosofia do proletariado é religiosa. Conserve do real apenas os sinais que a confortam: "Sendo dado que o proletariado é e deve ser revolucionário, vejamos as razões em que se apóia e os obstáculos contra os quais se quebra sua vontade revolucionária."

A maneira pela qual o problema é colocado determina as tentativas de resolvê-lo. Essas tentativas e seu resultado sem dúvida seriam bem diferentes se eu formulasse o problema da seguinte maneira. "Sendo dado que o proletariado não é revolucionário, vejamos se ainda é possível que ele se torne revolucionário e o motivo pelo qual acreditou-se, por tanto tempo, que ele já o era."

\* Marx é o profeta e o seu poder.  
o poder é o poder. Já se viu  
o poder ser o poder.  
Já se viu  
para

<sup>4</sup> Aquele que indiquei sucintamente aqui resulta em uma teoria da alienação do trabalho que pode (deve-se reconhecer) ser encontrada na obra de Marx, sob a condição de que se a procure, mas da qual se pode, igualmente, contestar a legitimidade marxista. Cf. A. Gorz, *La morale de l'histoire*, Paris, Éditions du Seuil, 1959, capítulos II e III.